

SE O MUNDO É UM MUSEU, POR QUE NÃO SERIA TAMBÉM UMA ESCOLA?

Sair da escola: uma tática de aprender no e com o mundo

Marose Leila e Silva (UNESP)¹

O presente artigo tem como objetivo compartilhar experiências educacionais na EMEF Des. Amorim Lima, ocorridas no período compreendido entre os anos de 2010 e 2012. A expectativa, na ocasião, era de criar novos territórios para o ensino de artes, com ações que saíssem dos muros da escola e dialogassem com as pessoas fora dela, trazendo para o contexto educacional uma tendência atual de aproximar a arte da vida. Partilharemos neste artigo o como as mudanças na escola Des. Amorim Lima repercutiram na formação de seus estudantes e de como o teatro – em suas modalidades mais atuais, como a intervenção artística – foi utilizado naquela instituição.

Educação pública; Escola Des. Amorim Lima; Intervenção artística.

IF THE WORLD IS A MUSEUM, WHY WOULD IT NOT BE ALSO A SCHOOL?

Outside school: a technique to learn in and with the world

The presente article aims to share educational experiences at ‘E.M.E.F. Desembargador Amorim Lima’ (public middle school) from 2010 to 2012. At that time, it was expected to create new territories for the Art teaching, with activities that were beyond the school walls and that could communicate with people outside it. That would take the educational context to a now trend of bringing Art closer to life. It will be shared in what way the changes at this school impacted its students’s formation. Furthermore, it will also be discussed how Theater – in all its most modern modalities – was used at that institution.

Public Education; Desembargador Amorim Lima school; Artistic Intervention.

O projeto “Se o mundo é um museu, por que não seria também uma escola? - Sair da escola: uma tática de aprender no e com o mundo”, inspirado no documentário *Hélio oiticica – museu é o mundo*, foi realizado na EMEF Des. Amorim Lima, localizada na Vila Indiana, município de São Paulo, em 2012. Teve, como objetivo principal, a intenção de criar novos territórios para o ensino de artes com ações que saíssem dos muros da escola e dialogassem com as pessoas fora dela, trazendo para o contexto educacional uma tendência atual: a aproximação de arte e vida.

A EMEF Des. Amorim Lima privilegia as artes em sua proposta curricular. Enquanto em algumas escolas públicas paulistas os estudantes têm em média uma ou duas aulas de artes por semana, nessa escola o número de aulas pode até triplicar. Além de atividades com o professor titular, acontecem atualmente, no Ensino Fundamental II, oficinas de música, percussão, violão, teatro, dança e artesanato, além de atividades opcionais fora do horário regular, tais como a capoeira e a grafiteagem.

Apesar de a escola privilegiar as artes em sua proposta curricular, percebia-se, com exceção da *grafiteagem*, a ausência de outras formas artísticas contemporâneas. Preencher essa lacuna talvez fosse um desafio e uma oportunidade para as aulas de artes.

A escola já extrapolara o espaço limitante da sala de aula, reduzira dispositivos disciplinadores do corpo e mostrava-se receptiva ao que acontecia do lado de fora de seus muros. Aparentemente um ambiente fértil para experiências mais inovadoras.

Uma característica da escola Des. Amorim Lima era a facilidade de trânsito entre a rua e o interior da escola. As saídas culturais ou para lazer eram muito constantes. Em outras instituições educativas é comum a contratação de ônibus para o deslocamento dos estudantes. Na EMEF Des. Amorim Lima isso também ocorre, porém, frequentemente, são realizadas saídas utilizando-se o transporte público do bairro. Ou então, quando o percurso permitia, o deslocamento era feito a pé. Este procedimento não só viabilizava um maior número de saídas - integrando a escola à cultura da cidade - como também possibilitava aos estudantes e professores, experimentar novas vivências: conhecer pessoas e espaços novos; caminhar pelas ruas e praças dos arredores; integrar mais mundo e escola; estabelecer e ampliar o contato com os espaços públicos, de maneira a criar e fortalecer esses vínculos:

As mudanças no contexto cultural brasileiro exigem do professor de teatro a ampliação do ensino de teatro para além da “sensibilização”, para além do ensinar

dos modelos já estabelecidos, colocando-o para fora da sala de aula e o fazendo atuar no pátio da escola, na rua, no bairro, como um agente cultural que aproxima arte, educação e cultura (ANDRÉ, 2007, p. 25).

A ideia de ocupar o espaço público com uma ação para intervir no cotidiano das pessoas interessou-me particularmente. A proposição de intervenção, nesse caso, era arquitetar novas formas de relação, intervindo no cotidiano tanto dos estudantes quanto das pessoas que vivem ou transitam nos arredores da escola. A intenção era lançar mão da intervenção artística, entendendo esta como forma de experimentar novos usos e configurações nos espaços (inclusive externos à escola), com finalidade de integração social. Assim, num alinhamento ao pensamento de Nelson Brissac Peixoto (2002, p. 20), surgiria a figura do “[...] artista interventor itinerante, que toma o mundo como um vasto campo para suas ações pontuais.”. Tentamos seguir esse rumo com nossas ações.

Interessava-nos: experimentar nessas ações outros modos de ensinar, explorar novos ambientes, descobrir outras arquiteturas para aprender; e que essas novas arquiteturas pudessem fazer parte de um jeito novo de se relacionar com o espaço e com as pessoas que circulassem por ele. Há um elemento lúdico no desafio de conversar, entrevistar transeuntes na praça. O jogo, neste caso, não viria acompanhado de competição – com ganhadores e perdedores – mas inserido no fluxo da vida, como parte da ação cotidiana. O jogo, neste caso, não funcionaria como respiro, descanso, recreio ou intervalo entre as atividades produtivas, fossem elas na escola ou na empresa. O jogo permearia a própria existência nos encontros ocasionais, acontecidos quando as relações não são puramente funcionais, regidas por cronômetros e hierarquias sociais. Nesses encontros, fomos surpreendidos com a pergunta de um senhor de cabelos bem grisalhos: – “Quanto custa um sorriso?” Alguém respondeu que o sorriso era grátis, não custava nada. “Então por que as pessoas quase não sorriem?”, arrematou o senhor. Sorrir gratuitamente para alguém pode não significar um “encontro”, mas o fato é que mesmo vivendo e frequentando os mesmos lugares, a relação das pessoas parece restringir-se aos ditames da *funcionalidade*. O que parece é que as pessoas não só deixaram de sorrir umas para as outras, mas também pararam de dialogar. A vida cotidiana tem se restringido ao particular, sobrando pouco tempo para questões que afetam a coletividade: o que pensam meus vizinhos com respeito ao aumento do metrô?; a qualidade das escolas do bairro?; o atendimento do posto de saúde?; a ausência de áreas de lazer para a população?; a violência que chega à minha rua? etc.. Parecemos estranhos uns aos outros.

Os estudantes observaram que, na atualidade, as pessoas estavam mais preocupadas em consumir do que a se envolver em política. Ao longo da discussão questionamos se o tema “consumismo” poderia ser utilizado nas aulas de artes como uma nova proposição de intervenção artística. Depois de muitas sugestões, um esboço da “IntervenAção: *homo consumericus*” foi se delineando: a ideia era criar uma intervenção artística dentro e fora da escola, abordando o consumismo, mas tomando-se o devido cuidado para que não resultasse numa atividade puramente pedagogizante e panfletária contra o consumo. A ação não consistiria em alertar, informar ou denunciar, mas perguntar, ouvir as pessoas, as múltiplas identidades – tanto na escola quanto na rua –, sobre suas práticas de consumo. Para esse propósito, uma série de necessidades foi surgindo:

- Fotografar etiquetas, marcas das roupas, tênis e outros objetos dos estudantes;
- Recortar de revistas, as marcas mais conhecidas de diferentes produtos;
- Criar um *homo consumericus*.

A ideia da “IntervenAção *homo consumericus*” surgiu também a partir do contato com o livro “Preparações e tarefas – Letícia Parente”, mesmo nome dado à exposição desta artista realizada no Paço das Artes, localizado dentro da Universidade de São Paulo (USP), em 2007. Letícia Parente iniciou sua formação artística aos 40 anos (1971), em oficinas de teatro com Ilo Krugli e Pedro Domingues, no Rio de Janeiro. Antes disso, estudou e doutorou-se em química. A exposição da artista, no Paço das Artes, aconteceu entre 12 de março e 20 de maio de 2007. Parente produziu vários trabalhos, entre os quais se destacam os vídeos: “Eu armário de mim”, “xerox”, “In”, “Tarefa I” e “Marca Registrada”. Em “Marca Registrada” (1975), utilizando linha e agulha, Letícia Parente borda na planta do pé as palavras *Made in Brasil*. No livro da exposição, Kátia Maciel (2008, p. 50) escreve: “Letícia tece na própria pele o estado do Brasil, um país feito fora daqui, propriedade estrangeira, o Brasil de 1974, estranho a nós mesmos”. No trabalho artístico da artista são recorrentes as “tarefas” domésticas: no vídeo *In* (1975), ela pendura-se no armário como uma peça de roupa; em Tarefa I, um ferro de passar roupa percorre seu corpo nas mãos de uma mulher negra; em Preparação II, Letícia aplica nela mesma vacinas contra os preconceitos tais como o do colonialismo cultural e do racismo. Os trabalhos de Parente potencializaram, nas aulas, discussões acerca do lugar que o corpo passou a ocupar na arte contemporânea, já que a artista valia-se do próprio corpo para abordar não apenas questões tipicamente do universo feminino, mas também sociais. Ao trazer nos vídeos

tarefas corriqueiras do cotidiano de uma mulher, que o corpo aceitava com naturalidade, a artista evocou nosso olhar a pensar e a “desnaturalizar” essas ações do e no corpo.

Como estávamos estudando as correntes artísticas contemporâneas e fazendo algumas experimentações, as fotografias do livro, com os trabalhos de Letícia, chamaram a atenção dos estudantes. Alguns vídeos da artista, encontrados na *Internet*, aumentaram ainda mais o interesse, principalmente o trabalho “Marca Registrada”. Depois de alguns comentários, discutimos as possíveis motivações que nortearam Parente em seus experimentos performáticos. Além de questões que abordavam o universo feminino, os trabalhos da artista revelavam a falta de liberdade no Brasil nos anos de ditadura, marcando na própria pele a face de um Brasil “estrangeiro”.

Um dos pontos relevantes da discussão a respeito do vídeo, “Marca Registrada” foi com relação ao envolvimento das pessoas, inclusive dos jovens, com a política do país no período de ditadura (1964-1984). Esse engajamento ficou ainda mais evidente ao assistirmos o filme “O que é isso, companheiro?”³. Na ocasião, pedimos ao Alan Max de Souza, funcionário da escola e estudante do último ano de história na Universidade de São Paulo, para comentar o filme e principalmente os fatos históricos que desencadearam o sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick no Brasil, episódio de muita repercussão na época e que foi retratado no filme. Os estudantes observaram que, na atualidade, as pessoas estavam mais preocupadas em consumir do que em se envolver em política.

Depois dessas ações fomos, em conjunto, pensando em como elaborar a intervenção. A proposta configurou-se da seguinte forma: sairíamos pela escola e, depois, pela Praça Elis Regina acompanhados de um *homo consumericus* – representado por um estudante etiquetado da cabeça aos pés com logomarcas de diferentes produtos –, levando uma placa, na qual se escreveria: *homo consumericus*. Um outro estudante carregaria uma bandeja com vários recortes de logomarcas; outros dois ficariam incumbidos de fotografar e filmar toda a atividade. O restante do grupo iria revezar-se, entrevistando pessoas da escola e transeuntes da praça. As questões para a entrevista, elaboradas pelos estudantes, foram as seguintes:

1. Você sabe o que é um *homo consumericus*?
2. Você se considera um *homo consumericus*?
3. Você reconhece alguma dessas marcas espalhadas na bandeja?

Com esse roteiro, munidos de câmeras e entusiasmo, partimos para a ação, em duas quartas-feiras.

Foram abordadas cerca de sete pessoas (por cada grupo de estudantes). Vejamos, a seguir, trechos de algumas entrevistas,⁴ colhidos durante a intervenção.

Ainda dentro da escola ouvimos da coordenadora pedagógica Renata Cortese e da professora Érica Amaral as respectivas observações:

– Eu sou um *homo consumericus*. Eu tenho consciência disso, mas faço um empenho grande para tentar reduzir o consumo porque eu acho importante [...] a gente tem essa responsabilidade aí [...] reduzir o consumo para reduzir o lixo [...].

– *Homo consumericus*, imagino que seja esse novo homem do consumo, que coloca os valores do bem material acima dos valores humanos. Não me considero um *homo consumericus*, adoro um brechó.

Assim que chegamos à praça, nos deparamos com um catador de lixo, que se identificou como Marcos. Ele estava trabalhando, provavelmente desde antes da nossa chegada, com um carrinho já lotado, sobre o qual ele ainda depositava lixo. Marcos mostrou-se muito disponível para conversar com o grupo de estudantes. Embora não tenha sido perguntada a sua idade, aparentava ser jovem, talvez com pouco mais de trinta anos. Além de responder às perguntas do roteiro, Marcos contou-nos a respeito do seu trabalho atual e da ocupação anterior:

– *Homo consumericus* é uma propaganda ambulante? [...] Como catador eu pago aluguel, pensão e ainda é terapêutico porque você não cai na rotina [...] Eu trabalhava como *maitre* das 9h da manhã até 1h da madrugada, sem folga. Fazia comida japonesa, francesa [...] era muito *stress* [...], mas claro que catar lixo não é o indicado.

Outra pessoa entrevistada foi “dona” Maria. Apesar de o corpo do estudante *homo consumericus* estar completamente etiquetado, dona Maria não percebeu nada de diferente ou estranho nele:

– Eu não sei o que é isso (*homo consumericus*) [...] Não estou vendo nada de diferente nele, parece que ele está meio doentinho [...] Eu só compro o que eu preciso, comida, por exemplo, o que é necessário.

Entrevistamos três mulheres que conversavam na mesa de um bar localizado ao lado da praça Elis Regina: Adriana, Elizete e Maria Antônia. Adriana não se considerava um *homo consumericus*. Já Elizete, confessou a dependência em consumir:

- Eu não sou um *homo consumericus* [...] não quero ter três calças da mesma cor, acumular coisas.

- Eu comprei um negócio para depilar a perna por causa da embalagem. Dizia: - "Adeus gilete", mas nem usei [...].

- A gente vive em um mundo consumista!

Na segunda vez em que nos dirigimos à praça, encontramos três jovens - Rafael, Jane e Catarina. Os três foram convidados a participar da intervenção. Lançamos as perguntas e obtivemos as respectivas respostas do Rafael e da Jane:

- Eu sou um *homo consumericus* [...] consumo livros, cinema, roupa, esse óculos (retira os óculos do rosto) que não é tão necessário;

- Eu não sou um *homo consumericus*, mas não deixaria de consumir boa comida, um protetor solar de boa qualidade (ela estava com um, numa das mãos).

Por último, entrevistamos Rafael, uma criança de três anos de idade, que passeava com sua mãe pela praça. O mais surpreendente no encontro foi a participação do menino, que - segundo sua mãe - apesar de muito pequeno, conhecia todas as logomarcas de carro que se encontravam na bandeja do *homo consumericus*. Questionado, ele respondeu precisamente:

- Volkswagen... Essa é Renault e essa, Ford.

De modo geral, as pessoas que participaram da "IntervençãO *homo consumericus*" mostraram-se disponíveis, interessadas e perceberam que o convite para participar da intervenção fazia parte de um jogo, principalmente por causa da caracterização do *homo consumericus*, da bandeja com as logomarcas e das duas câmeras que registravam a atividade. O próprio termo *homo consumericus* forçava cada pessoa a relacionar as palavras da pergunta "Você sabe o que é um *homo consumericus*?" com o contexto. O fato de a intervenção acontecer na praça facilitou as coisas porque, em geral, quem estava naquele espaço, fazia algum lazer ou uma atividade física, práticas realizadas, geralmente, em horários livres. Alguns dos entrevistados não se consideravam consumidores, outros se assumiram *homo consumericus* e reconheceram grande parte das marcas levadas à bandeja. Alguns comentavam sobre as marcas: "Essa marca é muito boa!" ou "Esse banco eu não gosto porque é do governo..." ou ainda "Eu não compro nada disso, mas não fico sem os créditos no celular".

Renata Cortese, a coordenadora pedagógica da escola e primeira entrevistada, teve a preocupação de justificar a necessidade de reduzir o consumo. A justificativa tinha certa preocupação com o viés

educativo e formativo (reduzir lixo). A Érica Amaral revelou hábitos de consumo mais alternativos (comprar em brechós), apesar de a "linha alternativa" também fazer parte do mercado de consumo.

A entrevista com o lixeiro Marcos foi longa e acabou se configurando mais em uma conversa. Ficamos surpresos com a desenvoltura dele para falar e assumir com probidade o atual ofício de catador de lixo. O encontro com Marcos foi um dos mais tocantes para os estudantes e para mim; fomos à praça fazer uma intervenção sobre o consumo e encontramos uma das pessoas que recolhe, da rua, os desperdícios, as sobras e as quinquilharias descartadas pelo *homo consumericus*. Das avaliações feitas com os estudantes, resultou notório o impacto das entrevistas, durante a intervenção. Stephanie, Marina e Pâmela fizeram, as seguintes colocações, respectivamente:

- Percebi que a maioria das pessoas não se considerava *homo consumericus*, mas todos consomem [...] a gente é forçado a consumir [...] a gente não valoriza um trabalhador que cata o lixo porque ele não trabalha arrumado, de terno, mas sujo [...] a gente não valoriza porque ele não é um consumidor;

- As pessoas falam que não são *homo consumericus*, mas todo mundo é [...] Marcou a conversa com o Marcos [...] ele prefere uma coisa mais simples;

- Ele se sente mais livre.

Rimos muito, durante a entrevista com "dona" Maria. Apesar de o corpo do Alexandre (representando o *homo consumericus*) estar todo etiquetado, até mesmo o rosto, dona Maria não apontava essas diferenças. O comentário feito por ela foi com relação ao corpo do estudante, por esse ser "gordinho", parecendo meio "doente". Isso nos levou a pensar que o hábito de consumo - ou a hiperexposição a propagandas - pode levar-nos a enxergar com normalidade alguém completamente etiquetado. Neste caso, podemos inferir que dona Maria esteja certa: um *homo consumericus* é um homem doente. Conforme a conversa avançava os estudantes iam se reconhecendo como parte do mundo do consumo, essa rede da qual é difícil escapar. As estudantes Bruna, Tarsila e Caroline comentaram, respectivamente:

- Eu sou um *homo consumericus*!

- Eu sou um *homo consumericus* porque não vivo sem Internet.

– Uma das mulheres (entrevistadas) disse que não era (*homo consumericus*), mas estava cheia de maquiagem e bijuterias.

Da entrevista com o menino Rafael nasceu uma constatação chocante: aprende-se a consumir desde muito cedo. As estudantes Helen e Tarsila referiram-se a essa descoberta da seguinte forma:

– Uma criança de três anos sabe mais de carro do que eu.

– Eu gostei da criançinha que gostava de carro, mas ele era muito novo para saber tudo de carro.

Ao relembrar a “IntervençãO *homo consumericus*” na praça e analisar os comentários dos estudantes, percebo que transformações ocorreram. Estas transformações, porém, não tinham, necessariamente, o intuito de conscientizar os estudantes sobre o hábito do consumo e sobre a importância de diminuí-lo. Isso poderia resultar na repetição de um tipo de “fórmula” usada nas “campanhas para conscientizar”, que, a meu ver, são pouco eficientes, ou, ainda, no próprio “modelo de ensinar” utilizado nas escolas – do qual tentávamos escapar. Entretanto, interessante foi a forma como isso aconteceu. Em vez de trazer “a lição pronta”, indicando o que é “certo” e o que é “errado”, confrontei uma multiplicidade de visões e hábitos sobre o consumo. Nesses encontros não havia a preocupação de julgar ou avaliar as práticas dos entrevistados, mas, sim, de entrar em contato com tais práticas e conhecer os diferentes caminhos pelos quais o consumo se infiltra no cotidiano das pessoas. Cada estudante pode, com sua experiência e com as trocas de vivências efetuadas, encontrar respostas que não são únicas, mas possíveis. Cada um se viu, apesar das diferenças, preso à mesma rede: a sociedade do consumo. E desta constatação, surgiu o

questionamento: como escapar desta rede ou mudar a maneira de se mover dentro dela?

Encontramos nos nossos experimentos uma aproximação com as propostas de Oiticica, uma vez que aquelas buscaram abrir espaços perceptivos; criar fluxos de experimentação e comunicação; despertar, no corpo, sensações, ações e experiências incomuns, ativando reflexões sobre si e a respeito da cultura em que se vive. Fomos movidos, nesses experimentos, por uma inquietude, por uma curiosidade nos desdobramentos que se sucederam, e mesmo pelo imprevisto ou inesperado. Tínhamos como matéria-prima o corpo e suas ações, delineada a partir de ideias e discussões coletivas. Importante ressaltar que essas ideias foram surgindo da própria vivência dos estudantes. Nossas intervenções exigiram deles uma atitude ativa e participativa por meio de: discussão e ação coletivas; pesquisa; reflexões acerca de um tema; elaboração de estratégias; escolha de materiais de apoio; planejamento e organização das ações previstas; interação com a cultura da cidade em um espaço público e reflexão, *a posteriori*, sobre esse conjunto de ações.

O projeto “Se o mundo é um museu, por que não seria também uma escola? - Sair da escola: uma tática de aprender no e com o mundo” pode ser realizado diante de uma arquitetura escolar favorável a experimentações. Sair da escola, criando intervenções artísticas possibilitou aprendizagens diferentes das habituais como, por exemplo, compartilhar um trabalho coletivo, cujo resultado não era previsível e tampouco um produto esperado. Buscou-se algo que afetasse a percepção das pessoas em relação à escola, à arte e ao próprio sujeito desse processo, processo entendido como uma elaboração contínua, incompleta, eis que inventada e construída a partir do próprio cotidiano. Entendo que, dessa maneira, foi possível ver a escola não como um lugar pronto, mas um espaço também para ser (re)inventado.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, C. M. (2007). *O teatro pós-dramático na escola*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PARENTE, André (Org.). *Preparações* - Letícia Parente. São Paulo: Paço das Artes, 2008.

PEIXOTO, N. B. (2002). *Intervenções urbanas – Arte/cidade*. São Paulo: Senac.

Vídeo

ITAÚ CULTURAL. (2010). *Hélio Oiticica-museu é o mundo*. São Paulo.

¹ Mestrado em Artes e Licenciatura em Artes Cênicas, ambos pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista. Professora na EMEF Tte. José Maria Pinto Duarte e no Instituto Superior de Educação de São Paulo - Singularidades.

² O primeiro contato com o trabalho de Letícia Parente aconteceu durante uma saída cultural em 2011 com os estudantes da EMEF Des. Amorim Lima ao Paço das Artes, localizado na USP. No Paço, participamos da proposta Estrangeiros, concepção de Alexandre Sá e Aslan Cabral. Nessa ocasião, fomos presenteados com vários livros e catálogos de exposições antigas, dentre eles o da artista Letícia Parente. O termo homo consumericus aparece em um dos textos organizados no livro.

³ Inspirado no livro homônimo de Fernando Gabeira, o filme foi produzido em 1997 e dirigido por Bruno Barreto.

⁴ Como as três questões se repetiram a cada entrevista, manterei somente as respostas dos entrevistados.